

Comportamento Semanal de Mercado

29 de março a 5 de abril



Ainda sob céus nublados

No simpósio anual de 2023 de Jackson Hole, em que são debatidas as questões relativas à política monetária, Jerome Powell assinalou que “o Federal Reserve (Fed) navegava pelas estrelas sob céus nublados”. De lá para cá, apesar de se praticamente eliminar o risco de um aperto monetário adicional, contudo foram frustradas as expectativas de uma queda na taxa baixa de juros nos primeiros meses de 2024.

Assim ainda sob céus nublados, o sentimento de que o início do ciclo de flexibilização monetária nos EUA deverá ser retardado foi reforçado na semana por novos dados robustos do mercado de trabalho e por comentários de dirigentes do Fed favoráveis à manutenção do aperto por um período que assegure a convergência da inflação à meta e pela sinalização de uma maior taxa de juros neutra. Como consequência, os rendimentos dos treasuries se elevaram e os principais índices acionários amargaram perdas. O monitoramento da ferramenta FedWatch do CME Group reduziu a probabilidade de uma queda de -0,25 p.p. em junho na taxa básica de juros de 56,8% em 01/04 para de 50,8% no fechamento de 05/04 (57,4% em 08/03).

Na semana, o resultado da inflação ao consumidor (CPI) de março pode trazer mais luz para a navegação da política monetária. Pelo lado da atividade, há alguns sinais de que o aperto contracionista esteja surtindo algum efeito, como mostram os números relativos ao PMI industrial e de serviços de março, ambos em queda. Contudo, os efeitos são limitados, como revela o índice de atividade do setor industrial medido pelo ISM, que indicou expansão pela 1ª vez desde set/22, atingindo 50,3 em março, com o subíndice de preços avançando de 52,5 para 55,8, indicando um possível cenário prospectivo com pressões inflacionárias.

Como desdobramento do movimento externo nas taxas longas, a curva de juros encerrou com um aumento nos prêmios de risco, precificando uma Selic terminal mais elevada. A taxa real de juros ex-ante estaria próxima de 6,2% a.a., nível ainda contracionista, como desejado pelo Banco Central (BC). A produção industrial recuou -0,3% em fev/24, mas com uma composição não tão ruim, concentrada na indústria extrativa. As estatísticas das contas externas mantiveram bom desempenho. Por sua vez, o déficit primário acumulado em 12 meses alcançou 2,4% do PIB em fev/24. Contudo, a elevação na margem se deu basicamente em razão da antecipação de R\$ 29,4 bilhões do pagamento de precatórios, se não houvesse essa ocorrência, haveria uma redução no déficit ante fev/23. Com o crescimento da probabilidade da manutenção da meta fiscal em 2024, a projeção do déficit primário reduziu-se de -0,75% para -0,70% do PIB.

Ainda na semana, o destaque interno ficará com os números quantitativos e qualitativos do IPCA de março. O índice deverá desacelerar na margem com a dissipação das pressões dos preços dos alimentos, combustíveis e educação. No que tange à atividade, a atenção deverá estar voltada para os dados de varejo e serviços, termômetro da economia. Lá fora, a ata do Fed, o início da temporada de balanços nos EUA, e a reunião de política monetária do Banco Central Europeu (BCE) estarão no foco.

Expectativas

Como já apontado, as projeções para o crescimento do PIB em 2024 sobem gradualmente, aproximando-se de 2,00%. Entre os dias 22/03 e 28/03, a mediana das expectativas para a atividade passou de 1,85% para 1,89% (1,77% há 1 mês). Ao mesmo tempo, as estimativas de expansão para os anos de 2025, 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,00%.

Mantendo desancoragem parcial das expectativas, a mediana das projeções para o IPCA permaneceu em 3,75% para 2024, em 3,51% para 2025 e em 3,50% para os anos de 2026 e 2027. No curto prazo, a previsão para março saiu de 0,21% para 0,23%, a de abril continuou em 0,30% e a de maio em 0,22%.

A pesquisa mensal com as distribuições de frequência indicou uma melhora no quadro das expectativas, com as estimativas para 2024 situando-se abaixo de 3,74% passando de 43,9% em 29/02 para 48,9% em 28/03 (39,0% em 31/01).

Por sua vez, a curva da inflação implícita construída com base nas negociações das NTN-Bs tem refletido o aumento nos prêmios de risco. Entre 28/03 e 05/04, o indicador registrou uma expressiva alta, com o vértice de 1 ano saltando de 3,45% para 3,76%, o de 2 anos de 4,10% para 4,27% e o de 3 anos de 4,40% para 4,57%.

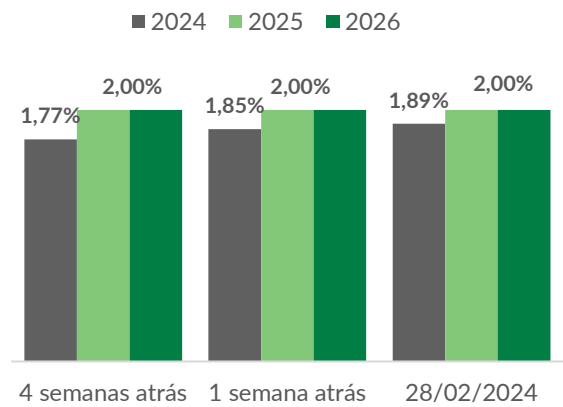
Apesar da alteração no *forward guidance* do Comitê de Política Monetária (Copom), a mediana das projeções para a taxa Selic para a reunião de junho continuou mostrando uma redução de -0,50 p.p.. Assim, o indicador para o final de 2024 permaneceu em 9,00% a.a.. Com o ciclo de flexibilização prolongando-se ao decorrer do ano de 2025, a taxa terminaria o ano em 8,50% a.a., mantendo-se nesse patamar até 2027.

Entretanto, na mesma pesquisa com as distribuições mensais de frequência, um maior número de respondentes passou a acreditar que a Selic terminará 2024 acima de 9,00%, com o percentual passando de 32,8% em 29/02 para 40,5% em 28/03 (35,9% em 31/01).

A despeito da volatilidade recente no mercado à vista, o cenário esperado para o câmbio mostrou poucas alterações, com o US\$ estável em R\$ 4,95 ao fim de 2024 e em R\$ 5,00 ao término de 2025. Com apreciação de 0,2% na semana, a taxa para 2026 ficou em R\$/US\$ 5,04, permanecendo em R\$/US\$ 5,07 para 2027.

Por fim, com o crescimento da probabilidade da manutenção da meta em 2024, a projeção do déficit primário reduziu-se de -0,75% para -0,70%. Porém, com o cenário de longo prazo mais incerto, a estimativa para 2025 prosseguiu em -0,60% e em -0,50% para 2026. Por sua vez, o resultado primário para 2027 variou de -0,30% para -0,28%.

PIB – Mediana das projeções



IPCA – Mediana das projeções (% a.a.)

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	28/03/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
mar/24	0,23	0,21	0,24
abr/24	0,30	0,30	0,35
mai/24	0,22	0,22	0,22
2024	3,75	3,75	3,76
2025	3,51	3,51	3,51
2026	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Internacional

Reafirmando a força do mercado de trabalho, foram criadas 303 mil vagas de emprego não- agrícola em março. O resultado superou em muito as 231 mil vagas registradas em mar/23 e as projeções coletadas pela Bloomberg de uma geração de 214 mil postos. Acrescentando, houve a revisão dos dados do payroll de jan/23 de 229 mil para 256 mil vagas. Já para fev/23, a alteração foi de 275 mil para 270 mil.

Dentro do previsto, a taxa de desemprego recuou de 3,9% em fev/24 para 3,8% da força de trabalho. Por sua vez, a taxa de participação de trabalhadores na população economicamente ativa (PEA) subiu de 62,5% para 62,7%, superando também a expectativa de 62,6%. Dificultando a convergência da inflação à meta, os ganhos salariais aumentaram 0,3% em março para US\$ 34,69 por hora, mostrando uma alta de 4,1% em 12 meses.

Ratificando o cenário de aquecimento, a leitura da ADP mostrou a criação de 184 mil vagas em março, acima da previsão de 150 mil projetado pela FactSet. Por sua vez, como sinal de gradual abrandamento das condições, os pedidos semanais por seguro-desemprego cresceram em 9 mil na semana encerrada em 30/03, para um total de 221 mil, superando o volume estimado pela Reuters de 214 mil solicitações.

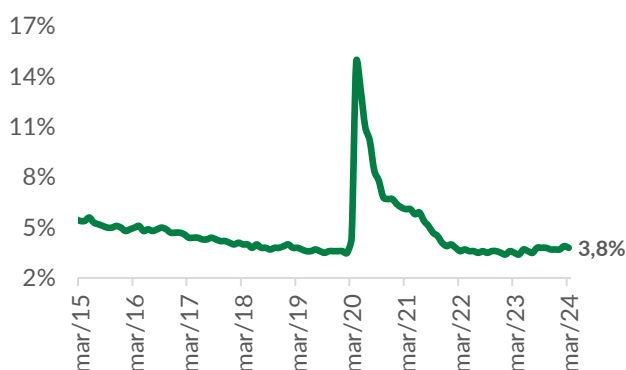
Reforçando a robustez da economia dos EUA e indicando expansão pela 1ª vez desde set/22, o índice de atividade do setor industrial medido pelo ISM subiu de 47,8 em fev/24 para 50,3 em março. Ademais, o subíndice de preços avançou de 52,5 para 55,8, indicando um possível cenário prospectivo de pressões inflacionárias. Por sua vez, o PMI de serviços medido pela S&P Global recuou de 52,3 em fev/23 para 51,7 em março, quando analistas previam 52,1.

Mostrando melhores perspectivas para a atividade europeia, o índice de gerentes de compras (PMI) de serviços da Zona do Euro avançou de 50,2 em fev/24 para 51,5, atingindo o maior nível em 9 meses, enquanto o índice composto que agregada o setor industrial subiu de 49,2 para 50,3, ambos acima das expectativas de mercado.

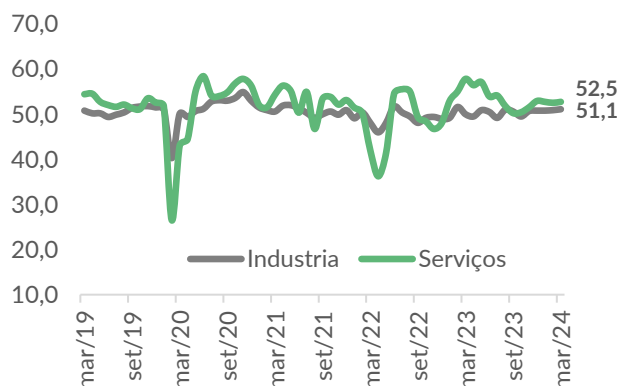
Como contraponto, o PMI industrial apurado pela S&P Global atingiu o menor nível em 3 meses, ficando em 46,1 em março, abaixo dos 46,5 observados em fev/24, se mantendo abaixo de 50 que indica contração do setor. Contrariando as expectativas da FactSet da manutenção de uma taxa de 2,6% a.a., a inflação ao consumidor (CPI) desacelerou de 2,6% a.a. em fev/24 para 2,4% a.a. no número preliminar para março,. Excluindo-se os preços de alimentos energia, o índice registrou acréscimo de 2,9% a.a. em março, perdendo força em relação ao ganho de 3,1% a.a. em fev/24 e ao aumento esperado de 3,0%.

Por fim, sugerindo uma aceleração da atividade na China, o PMI industrial avançou de 50,9 em fev/24 para 51,1 em março, enquanto o indicador para serviços ampliou-se de 52,5 para 52,7.

EUA – Taxa de Desemprego (% a.a.)



China - PMI



Fonte: US Bureau of Statistics | Bloomberg. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Na semana, a busca por ativos de risco foi inibida pelo fortalecimento do sentimento dos investidores de que o início do ciclo de flexibilização monetária nos EUA deverá ser retardado. Esse cenário, ganhou tração com a divulgação de dados robustos para o mercado de trabalho e os comentários de dirigentes do Fed favoráveis à manutenção do aperto por um período que assegure a convergência da inflação à meta e sinalizando uma maior taxa de juros neutra.

Assim, mesmo com a mediana dos futuros dos *Fed funds* sugerindo 2 cortes de -0,25 p.p. até o final do ano e uma possibilidade considerável de ocorrência de um 3º, o monitoramento da ferramenta FedWatch do CME Group reduziu a probabilidade de uma queda de -0,25 p.p. em junho na taxa básica de juros de 56,8% em 01/04 para de 50,8% no fechamento de 05/04 (57,4% em 08/03).

No mercado de dívida pública, o movimento foi de alta com o rendimento das *T-notes* com vencimento em 2 anos acelerando de 4,59% a.a. em 28/03 para 4,73% a.a., o de 5 anos de 4,21% a.a. para 4,38% a.a., o de 10 anos de 4,20% a.a. para 4,39% a.a. e o de 30 anos de 4,34% a.a. para 4,54% a.a..

O aumento das taxas de juros de longo prazo também refletiu nos principais índices acionários, com perdas de -2,3% no Dow Jones, de -1,0% na S&P 500, de -0,8% na Nasdaq, de -3,4% no Nikkei 225, de -1,7% no DAX40 e de -0,5% no FTSE 100. Impulsionado pelo desempenho dos indicadores industriais, o índice Xangai exibiu uma alta de 0,9% entre os dias 29 de março e 03 de abril, considerando-se os feriados na China.

No mercado de *commodities*, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -0,55%, enquanto o minério de ferro exibiu desvalorização de -1,41%, meio às preocupações com a economia chinesa. Apoiada nas crescentes tensões no Oriente Médio e no leste da Europa, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou a semana com forte alta de 4,22%. A postura da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (Opep+) de manter os planos no controle da oferta também deu apoio aos preços.

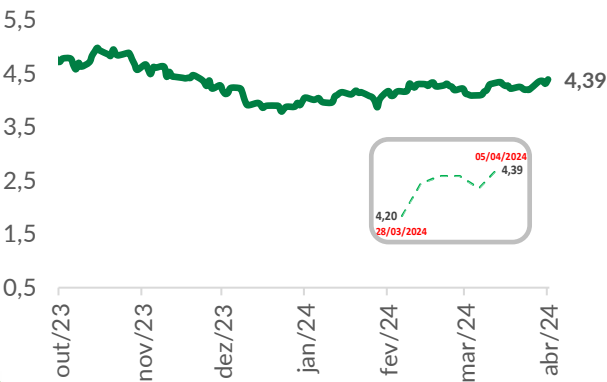
Prejudicado por ruídos domésticos que afetaram diretamente as ações da Petrobras e pelo impacto das incertezas na economia da China nas cotações do minério de ferro e das ações da Vale, o Ibovespa terminou a semana com queda de -1,0%, aos 126.795 pts.. Finalizando, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, subiu para 148,5 bps. com elevação de 11,2 bps. na semana.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	05/04/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	126.795	-1,0%	-1,0%	25,8%
Nasdaq	16.249	-0,8%	1,9%	34,4%
S&P	5.204	-1,0%	2,5%	26,8%
Dow Jones	38.904	-2,3%	0,8%	16,2%
FTSE 100	7.911	-0,5%	3,5%	2,2%
DAX 40	18.175	-1,7%	2,7%	16,5%
Nikkei 225	38.992	-3,4%	-2,8%	41,9%
Xangai	3.069	0,9%	0,7%	-7,3%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



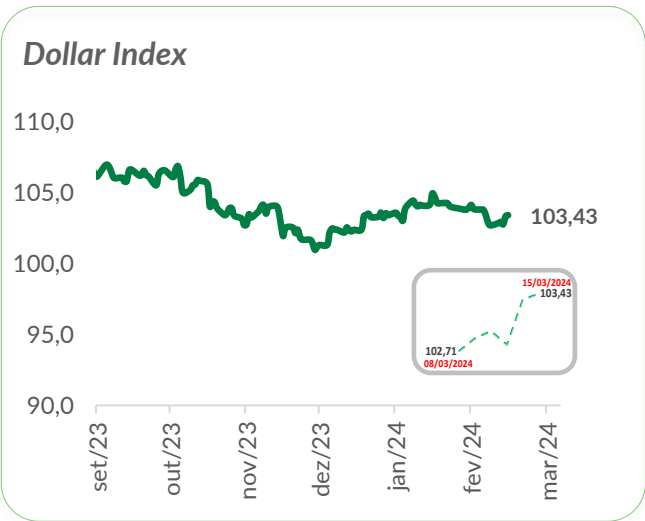
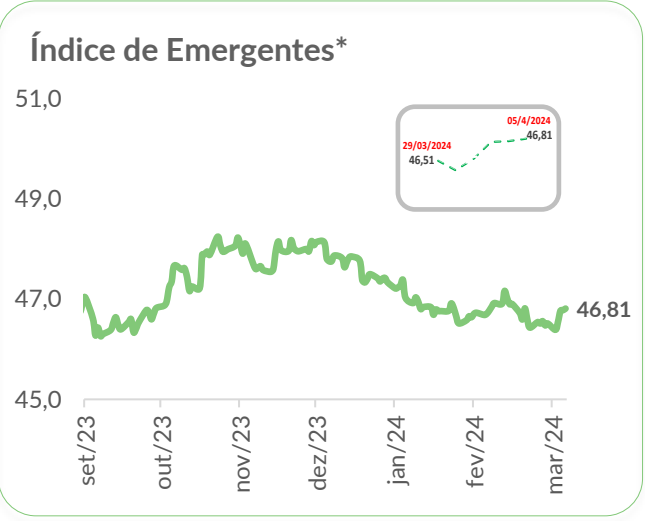
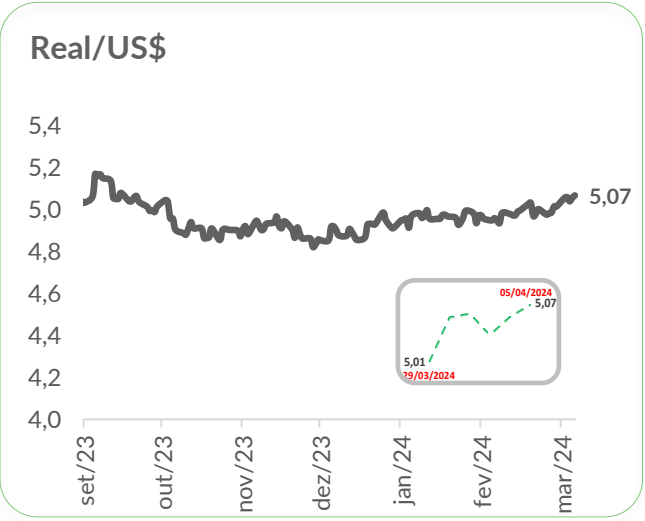
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

A despeito do processo dos avanços no rendimento dos *treasuries*, com as preocupações acerca da trajetória da desinflação e do momento preciso e a escala dos cortes nas taxas básicas de juros, o dólar perdeu força no mercado internacional de câmbio. O *Dollar Index*, que mede a variação da divisa dos EUA perante uma cesta de moedas de 6 países desenvolvidos, exibiu na semana uma queda de -018%, refletindo as apreciações de 0,44% do euro e de 0,11% da libra esterlina.

O índice que mede o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar terminou com uma alta mais intensa de 0,64%, com destaques para as apreciações de 2,42% no peso colombiano, 1,26% no rand sul-africano, 1,04% no peso mexicano, além da depreciação de 0,59% no peso argentino.

Com desempenho inferior à média de seus pares emergentes, e em consonância com a elevação de prêmios de risco no mercado doméstico, o real se depreciou em 1,04%, com o dólar cotado a R\$ 5,07. O real está pressionado pela aproximação do vencimento de US\$ 3,5 bilhões de NTN-A3 em 15/04. Para mitigar esse impacto e oferecer *hedge* ao mercado, o BC promoveu um leilão adicional de US\$ 1 bilhão (20 mil contratos de *swap* cambial). Adicionalmente, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 03/06/2024.



*Cesta de Moedas de países emergentes:
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

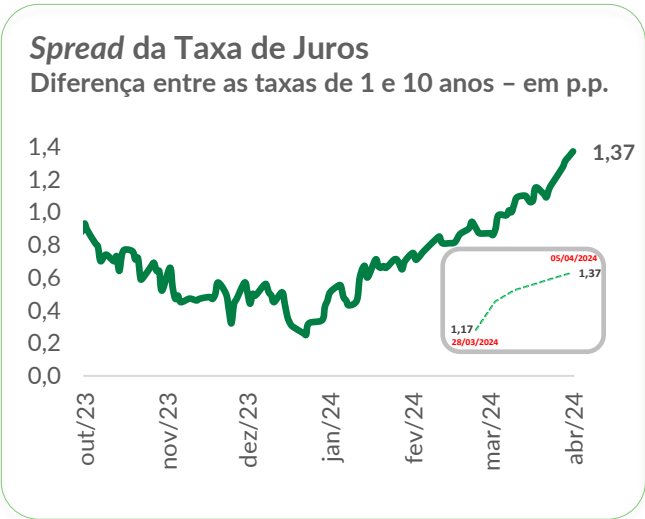
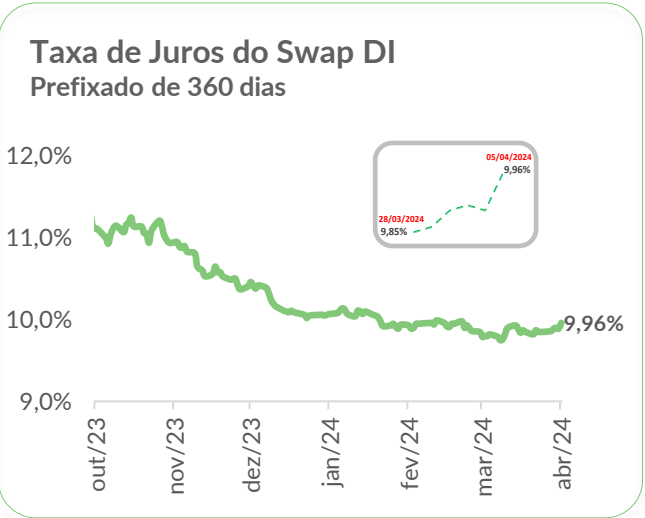
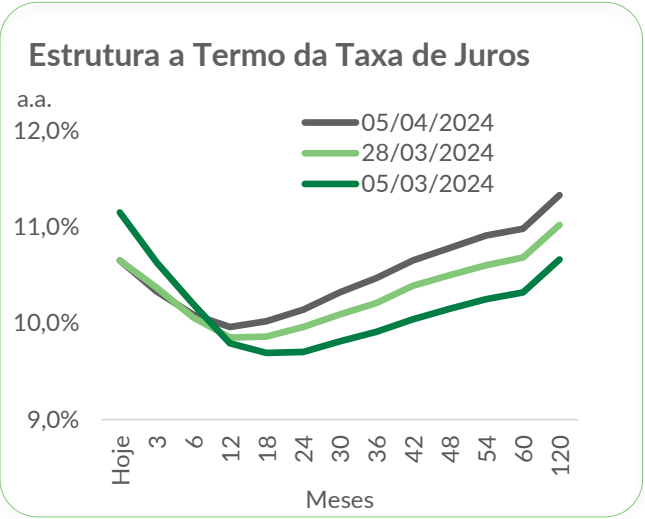
Taxa de Juros

Acompanhando o movimento externo das taxas de juros de longo prazo, a Estrutura a Termo da Taxa de juros (ETTJ) encerrou a semana com um aumento nos prêmios e já precificando uma Selic terminal mais elevada.

Como exceção, a taxa para o vértice de 3 meses caiu ligeiramente de 10,37% a.a. para 10,33% a.a., em relação ao encerramento do dia 28/03. Com uma alta na semana de 0,03 p.p., a taxa para 6 meses ficou em 10,09% a.a.. Em 28/03, com a taxa prefixada de 1 ano de 9,85% a.a. e uma expectativa de inflação de 3,46% no Boletim Focus, a taxa real de juros *ex-ante* estaria em 6,18% a.a. (6,06% a.a. em 29/02), nível bem acima dos 4,5% a.a. considerado como neutro pelo BC.

A taxa juros de 1 ano subiu de 9,85% a.a. para 9,96% a.a., a de 2 anos de 9,96% a.a. para 10,14% a.a., a de 3 de 10,21% a.a. para 10,47% a.a., a de 4 de 10,50% a.a. para 10,78% a.a., a de 5 de 10,68% a.a. para 10,98% a.a. e a de 10 anos de 11,02% a.a. para 11,33% a.a..

Com o aumento dos prêmios de risco, a inclinação da curva calcula pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, prossegue com trajetória crescente, passando de 1,17 p.p. em 28/03 para 1,37 p.p..



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-DI - Mar/24

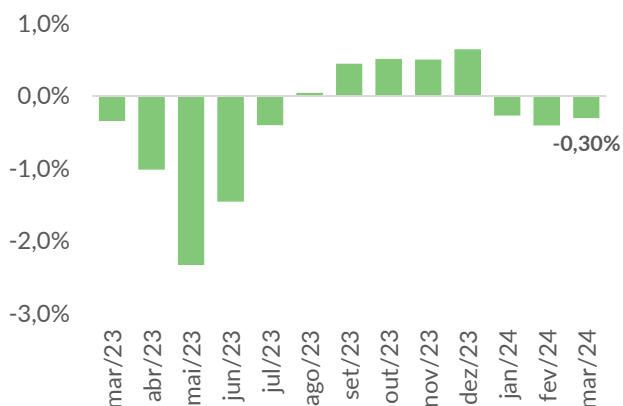
Atenuando a queda de -0,41% em fev/24, o IGP-DI registrou deflação de -0,30% em março. Em meio à recuperação nos preços de algumas *commodities* agrícolas, destacando-se a soja (+2,71%), o número veio acima da mediana da expectativa do consenso da London Stock Exchange Group (LSEG) de -0,39%,. Com esse resultado, o índice acumulou uma queda de -0,97% no ano, reduzindo a deflação de -4,04% a.a. em fev/24 para -4,00% a.a. (-1,16% a.a. em mar/23).

Puxado pelos preços dos produtos industriais (-1,02%), o IPA arrefeceu de -0,76% em fev/24 para -0,50% em março, acumulando retração de -6,79% a.a. (-6,98% a.a. em fev/24 e -3,51% a.a. em mar/23). Na análise por estágios de processamento, Bens Finais variou de 0,50% em fev/24 para -0,23%; Bens Intermediários passou de -0,17% para uma alta de 0,68% e Matérias-Primas Brutas de -2,70% para -2,15%.

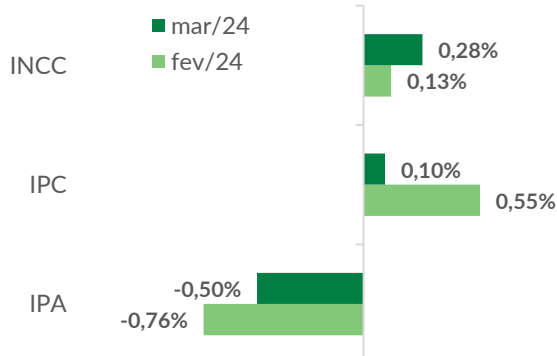
O IPC reduziu a alta para 0,10% em março, de 0,55% em fev/24. Em 12 meses, a variação foi de 2,93% a.a. (+3,59% em fev/24 e +4,04% a.a. em mar/23). Das suas 8 classes de despesas, 7 apresentaram decréscimo: Transportes (0,87% para 0,21%), Educação, Leitura e Recreação (-1,17% para -2,22%), Alimentação (1,06% para 0,56%), Despesas Diversas (2,05% para 0,42%) Comunicação (0,43% para -0,31%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,56% para 0,32%) e Vestuário (0,34% para -0,03%). Puxado pelo avanço no preço da tarifa de eletricidade residencial (+0,35%), o grupo Habitação (0,32% para 0,53%) foi o único a apresentar acréscimo.

Por fim, o INCC aumentou 0,28% em março, após a expansão de 0,13% no mês anterior. Em 12 meses, a taxa era de 3,36% a.a. (3,39% a.a. em fev/24 e +8,04% a.a. em mar/23). Dentre os componentes, o que mais contribuiu para o resultado mensal foi o aumento nos custos da mão de obra (0,05% para 0,42%).

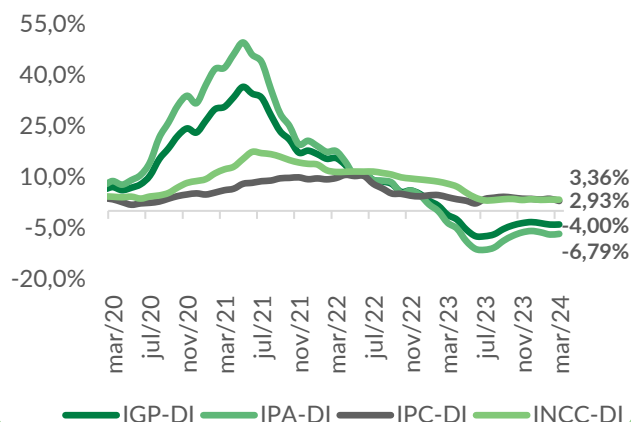
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Fev/24

Com desempenho aquém das expectativas de um avanço de 0,3% coletado pelo Valor Data, a produção física industrial recuou -0,27% em fevereiro, após cair -1,52% em jan/24, na série com ajuste sazonal. No bimestre, o setor acumulou uma retração de -1,80%.

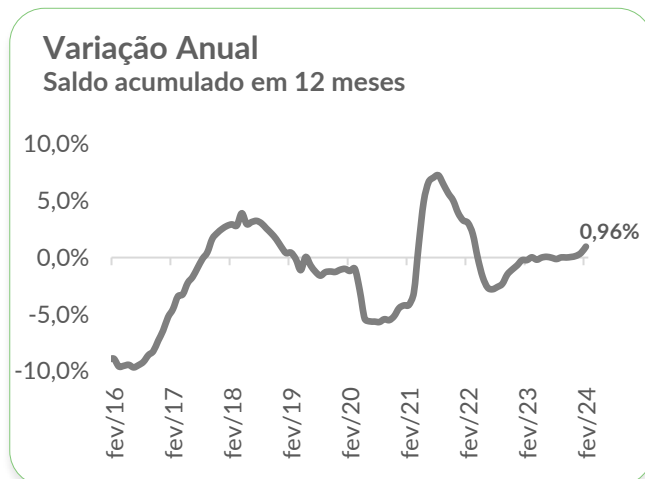
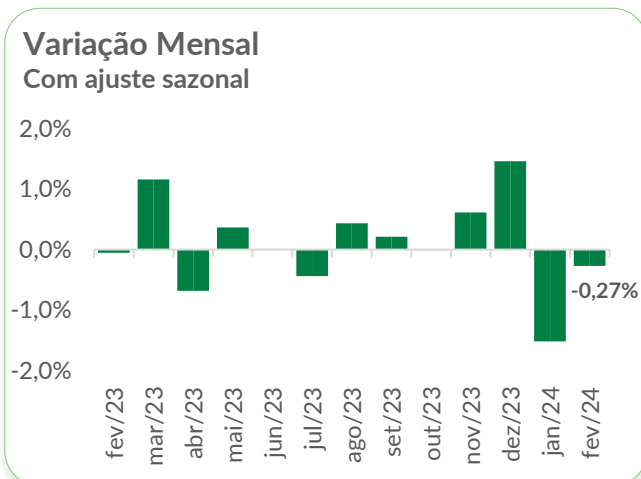
Apesar do número negativo na margem, a composição não foi tão ruim. A dinâmica mensal refletiu o pior desempenho da indústria extrativa, que retraiu -0,91% em fevereiro, após ter caído -6,91% em jan/24, respondendo fundamentalmente às menores extrações de minério de ferro e petróleo. Por sua vez, a produção na indústria de transformação vem se mantendo estável (+0,03% em jan/24 e +0,04% em fev/24).

Dentre as 4 grandes categorias econômicas, apenas a dos bens intermediários exibiu uma queda (-1,22%). Por sua vez, houve expansão para os bens de consumo duráveis (+3,59%), bens de capital (+1,83%), bens de consumo (+1,33%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (+0,42%). Entre os ramos de atividades, as influências negativas mais importantes foram assinaladas por produtos químicos (-3,5%) e produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-6,0%). Em sentido inverso, veículos automotores, reboques e carrocerias (6,5%) e celulose, papel e produtos de papel (5,8%) exerceram os principais impactos.

Ainda na série com ajuste, buscando capturar tendência, a média móvel trimestral para o total da indústria apresentou uma variação negativa de -0,1% na margem em fev/24, ante alta de 0,2% em jan/24, interrompendo trajetória ascendente iniciada em set/23. Com o resultado de fev/24, o carregamento estatístico para o 1T24 ficou em -0,5% (-4,1% da extrativa mineral e +0,3% da indústria de transformação).

A variação anual da produção acumulada em 12 meses acelerou de 0,40% a.a. em jan/24 para 0,96% a.a. (-0,23% a.a. em fev/23). Em patamar -1,1% abaixo do período pré-pandemia (fev/20), a indústria situa-se -17,7% inferior ao ponto alto da série, alcançado em mai/11

No decorrer do ano, o processo de flexibilização da política monetária, estabilidade nos índices de inadimplência e melhora no mercado de trabalho, com ganhos na massa salarial, devem beneficiar os setores de bens mais ligados ao crédito.



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Transações Correntes – Fev/24

Os números apresentados no balanço de pagamentos em fevereiro mantiveram o bom desempenho das contas externas. Apesar do resultado pior dos US\$ -3,55 bilhões projetados pelo mercado, o déficit em transações correntes reduziu-se de US\$ -5,10 bilhões em jan/24 para US\$ -4,37 bilhões em fevereiro (US\$ -4,36 bilhões em fev/23). O resultado mensal decorreu de US\$ 31,55 bilhões em receitas e US\$ 35,92 bilhões em despesas.

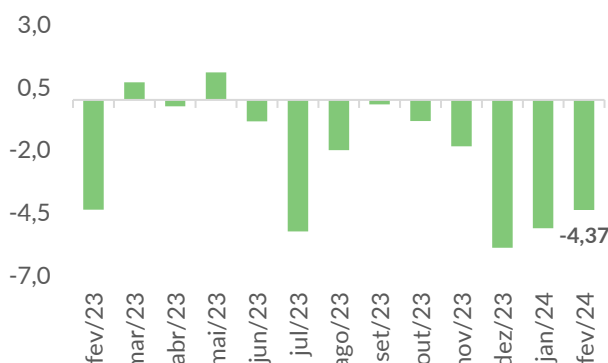
Entre jan/24 e fevereiro, o saldo positivo da balança comercial reduziu-se de US\$ 4,33 bilhões para US\$ 3,44 bilhões, enquanto o déficit da conta de serviços ampliou-se de US\$ -3,28 bilhões para US\$ -3,67 bilhões e o da conta de renda primária diminuiu de US\$ -6,30 bilhões para US\$ -4,25 bilhões.

O déficit em transações correntes acumulado em 12 meses voltou a crescer levemente, alcançando US\$ -24,71 bilhões, o que representou elevação de 0,1% na margem (-52,8% em relação a fev/23). Esse desempenho foi bastante influenciado pelo superávit da balança comercial de US\$ 85,22 bilhões (+ 89,0% em relação a fev/23).

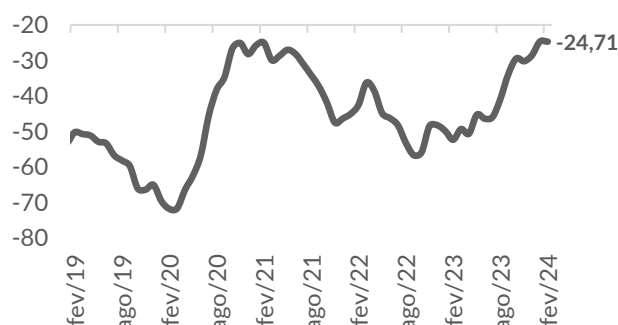
Em relação ao PIB, o déficit terminou em -1,11% em fevereiro (-2,63% em fev/23), no menor patamar desde jan/18. Apesar do menor volume, os investimentos diretos no País (IDP) continuam mais que suficientes para o financiamento do déficit em transações correntes. Em fev/24, o IDP somou US\$ 5,01 bilhões, acumulando em 12 meses o montante de US\$ 62,01 bilhões, o que significou uma redução de -3,4% na margem (-17,1% em relação a fev/23).

No Relatório Trimestral de Inflação de dez/23, o BC ampliou sua projeção de déficit em conta corrente de 2024 de US\$ 35 bilhões para US\$ 48 bilhões (2,1% do PIB). A revisão refletiu uma menor projeção para o saldo da balança comercial, em função dos preços mais baixos na exportação, sobretudo da soja por conta de uma perspectiva de oferta global mais robusta.

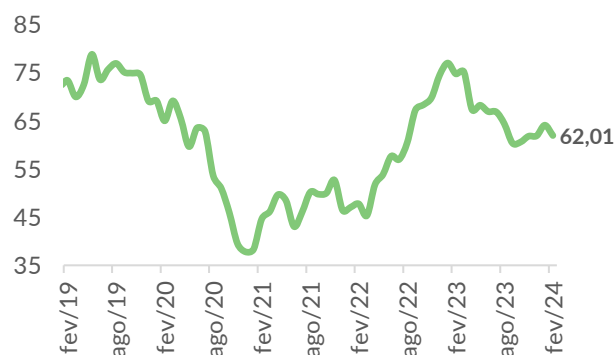
TC - Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



TC - Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



IDP - Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Mar/24

Com um acréscimo de 37,4% na margem, o saldo da balança comercial de março atingiu US\$ 7,48 bilhões, contra US\$ 5,44 bilhões em fev/23. O resultado decorreu de US\$ 27,98 em exportações e US\$ 20,49 bilhões em importações.

Apesar de apresentar uma queda de -30,4% em relação ao observado em mar/23, os bons desempenhos de janeiro e fevereiro garantiram que o saldo no 1T24 fosse o recorde para o período, mantendo as expectativas de um resultado robusto em 2024, mesmo com uma esperada safra agrícola de grãos menor do que a de 2023.

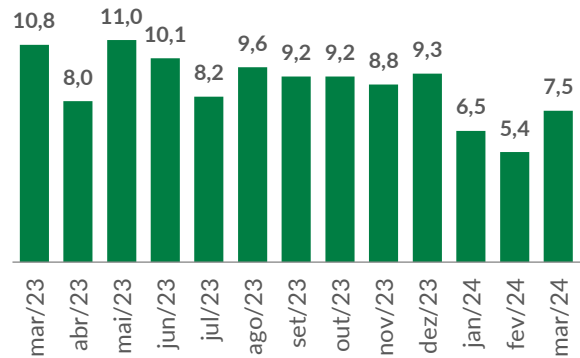
No comparativo interanual, as exportações recuaram -14,8% no período, puxado sobretudo pela indústria extrativa (-23,9%), seguido pela agropecuária (-20,8%) e indústria de transformação (-6,2%), com os menores embarques de petróleo (-35,5%), soja (26,7%) e milho (-75,5%). Já as importações, na mesma base comparativa, caíram -7,1%, com a diminuição de -7,8% da indústria de transformação, de -2,1% da extrativa, além do crescimento de 10,4% da agropecuária.

No 1T24, o superávit comercial alcançou US\$ 19,43 bilhões, alta interanual de 24,5%. As exportações somaram US\$ 78,49 bilhões, aumento de 3,5%, enquanto as importações alcançaram US\$ 59,06 bilhões, queda de -2,0%.

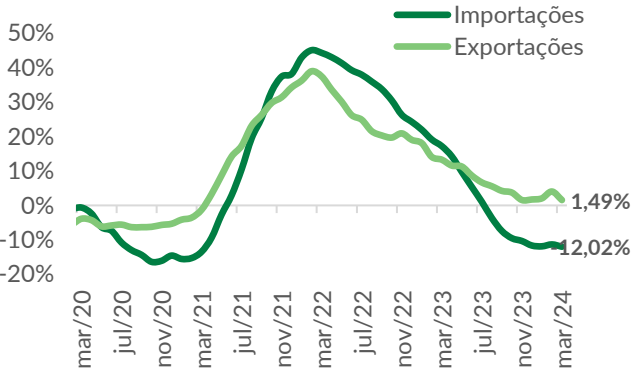
Dentre os principais parceiros comerciais, as exportações para China, Hong Kong e Macau cresceram 9,9% no 1T24, somando US\$ 23,37 bilhões, enquanto para os EUA aumentaram 19,5%, totalizando US\$ 9,84 bilhões. Já as importações para China, Hong Kong e Macau aumentaram 13,1% no período para US\$ 14,40 bilhões, recuando -7,8% para US\$ 8,98 bilhões para os EUA .

Considerando-se o volume acumulado em 12 meses, o saldo comercial alcançou US\$ 102,72 bilhões em março, um aumento de 58,1% em relação a mar/23. Em igual período, as exportações cresceram 1,48% para US\$ 342,32 bilhões, ao passo que as importações retraíram-se em -12,02% para US\$ 239,60 bilhões.

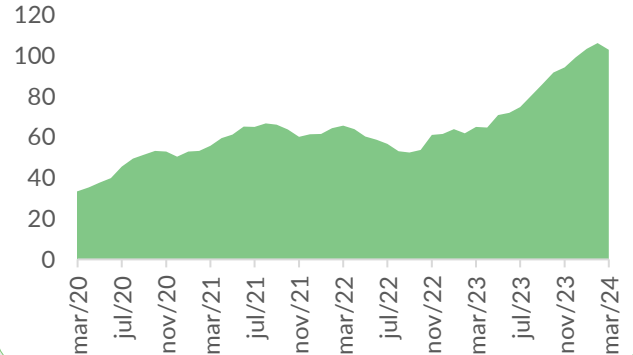
Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Saldo
Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

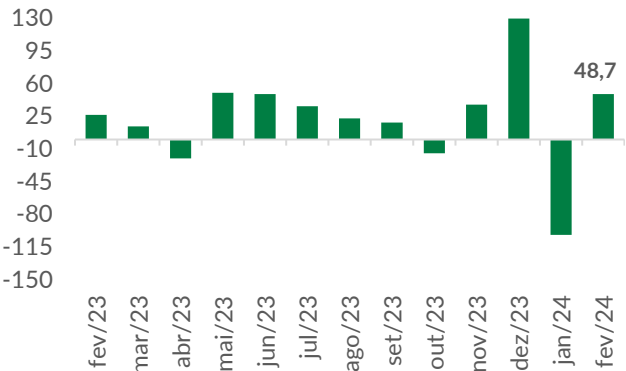
Estatísticas Fiscais – Fev/24

Após o superávit de R\$ 102,1 bilhões em jan/24, o setor público consolidado registrou um déficit primário de R\$ -48,7 bilhões em fevereiro (R\$ -26,5 bilhões em fev/23). O saldo foi composto pelo resultado negativo de R\$ -57,8 bilhões do governo central, de um superávit de R\$ 7,5 bilhões dos governos regionais e R\$ 483,0 milhões das empresas estatais. A elevação do déficit primário se deu em razão da antecipação de R\$ 29,4 bilhões do pagamento de precatórios, se não houvesse essa ocorrência, haveria uma redução no déficit ante fev/23. No acumulado em 12 meses, o déficit primário alcançou R\$ -268,2 bilhões (-2,4% do PIB), ante um superávit de R\$ 93,2 bilhões (0,9% do PIB em fev/23).

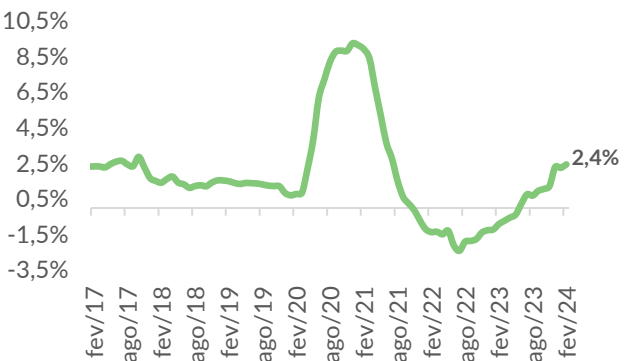
As despesas com juros em fevereiro alcançaram R\$ 65,2 bilhões contra R\$ 79,9 bilhões em jan/24 (R\$ 64,2 bilhões em fev/23), contribuindo para que o déficit nominal saltasse para R\$ 113,9 bilhões em fevereiro (+R\$ 22,2 bilhões em jan/24 e -R\$ 90,6 bilhões em fev/23). Afetada principalmente pelo crescimento do estoque da dívida e dos custos associados, a expansão dos juros nominais apropriados por competência chegou a R\$ 746,9 bilhões no período, o equivalente a 6,8% do PIB (+ 0,37 p.p. ante fev/23). Com isso, o déficit nominal acumulado em 12 meses alcançou R\$ -1,01 trilhão, o correspondente a 9,24% do PIB (-5,52% em fev/23).

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) acumulada em 12 meses encerrou fevereiro em 60,9% do PIB, o que representou uma alta de 0,8 p.p. na margem (+ 5,2 p.p. em 12 meses). O desempenho mensal contou com as contribuições de +0,6 p.p. dos juros nominais apropriados, de +0,4 p.p. do resultado primário, além da queda de -0,3 p.p. da variação do PIB nominal. Já a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) ficou em 75,5% do PIB, com altas de 0,4 p.p. no mês (+3,7 p.p. em 12 meses). O resultado do mês contou com as contribuições de +0,6 p.p. dos juros apropriados, de 0,1 p.p. da emissão da dívida líquida, além da queda de -0,4 p.p. da variação do PIB nominal.

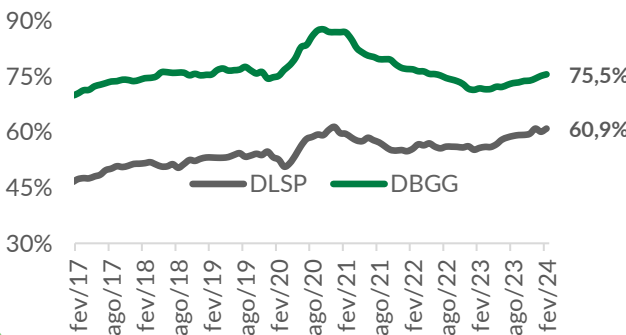
Déficit Primário Mensal
Em R\$ bilhões



Déficit Primário
Acumulado em 12 meses – em % do PIB



Evolução da Dívida
Acumulada em 12 meses – em % do PIB



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

PEIC – Mar/24

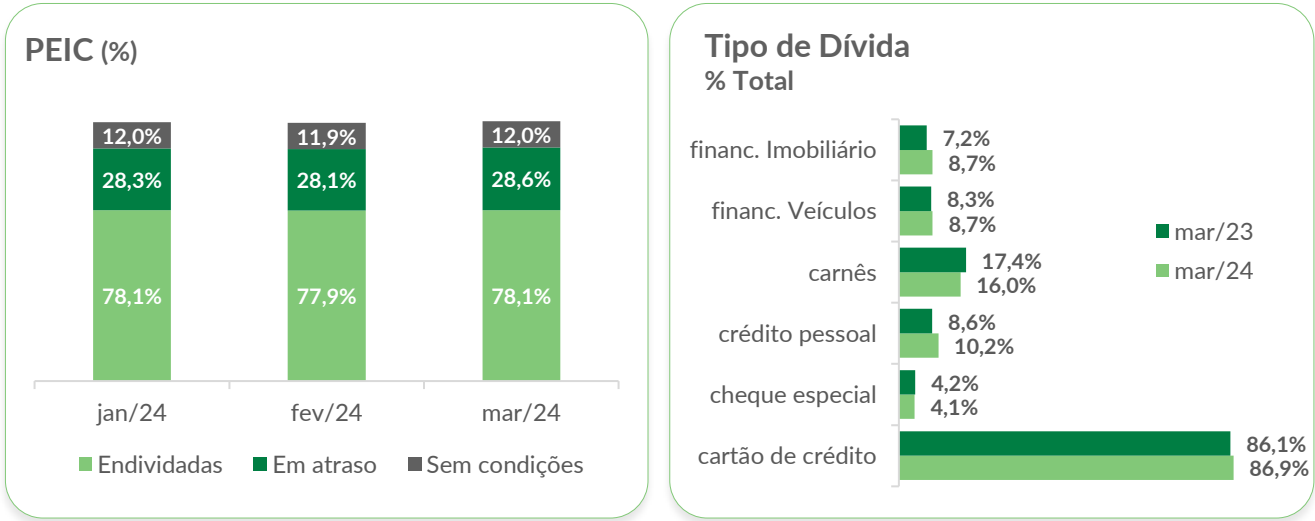
A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), divulgada pela CNC, mostrou um aumento na margem do sentimento de endividamento e inadimplência, principalmente nas famílias de menor renda. Esse resultado foi conjugado com a maior demanda dos consumidores por crédito, em um ambiente de redução na taxa de juros dos empréstimos.

No mês, 78,1% das famílias relataram ter dívidas a vencer, representando uma alta de 0,2 p.p. em relação a fev/24 (-0,2 p.p. ante mar/23). Interrompendo uma sequência de 4 quedas consecutivas, o percentual de pessoas que se consideravam “muito endividadas” aumentou de 16,7% em fev/24 para 16,8%. Por outro lado, também houve um incremento de 0,1 p.p. na parcela de famílias que alegavam estarem “pouco endividadas” para 32,3%.

Dentre as famílias com contas em atrasos, houve um aumento mensal de 0,5 p.p. na margem, para 28,6% em março (-0,8 p.p. ante mar/23). As famílias que não terão condições para pagar as dívidas em atraso apresentou um avanço de 0,1 p.p. no mês para 12,0% em março (-0,5 p.p. ante mar/23). O tempo médio de pagamento, dentre as famílias com atraso, aumentou contra 63,6 em fev/24 para 63,9 dias (62,6 dias em mar/23).

Levando-se em consideração os dados desagregados por renda, a população de até 3 salários mínimos (SM) era a que mais sentia-se endividada, com a parcela ficando em 79,7% em março, com uma alta de 0,5 p.p. na margem (78,9% em mar/23). Essa faixa de renda também foi o destaque no resultado das famílias com dívidas em atraso, apresentando um acréscimo mensal de 0,6 p.p., ficando em 36,4% (36,9% em mar/23). No entanto, entre famílias que não terão condições de arcar com suas dívidas, as maiores participações ocorreram entre as faixas de renda de 0-3 SM (15,9%) e de 3-5 SM (10,9%).

Em relação ao tipo de dívida, a maior participação provém de cartão de crédito, sendo utilizado por 86,9% do total de devedores, com estabilidade na margem (+0,8 p.p. ante mar/23). No comparativo anual, os carnês e cheque especial continuam perdendo representatividade nas dívidas, com quedas de -1,4 p.p. e - 0,2 p.p., respectivamente. Por fim, no mesmo período, o crédito pessoal apresentou um crescimento de 1,6 p.p..



Fonte: CNC.. Elaboração ABBC

Caderneta de Poupança – Mar/24

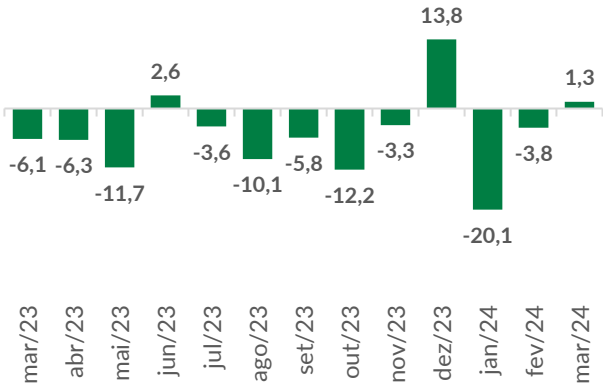
Após o resultado negativo de R\$ -3,82 bilhões em fev/24, o saldo da caderneta de poupança voltou a se elevar em março, com um depósito líquido de R\$ 1,34 bilhão. O desempenho mensal decorreu de R\$ 324,72 bilhões em aplicações e R\$ 323,38 bilhões em retiradas.

Ao resultado do mês, foi adicionado R\$ 4,87 bilhões de rendimentos da carteira, levando o saldo ao total de R\$ 975,77 bilhões, representando crescimentos de 0,6% no mês e de 0,9% em relação a fev/23. Nos últimos 12 meses, houve uma perda de R\$ -59,22 bilhões.

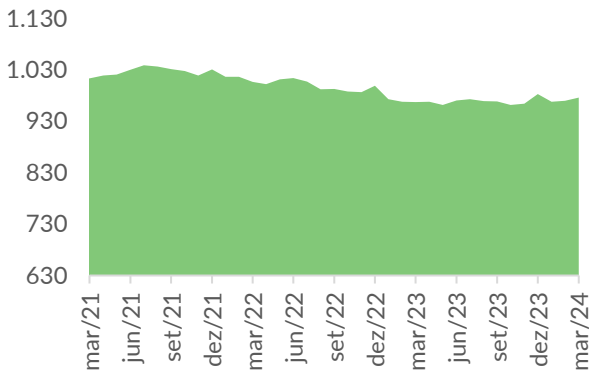
Considerando-se a menor rentabilidade frente aos outros tipos de investimentos e as necessidades financeiras da população, as aplicações só foram maiores do que os resgates em jun/23 e dez/23.

No que tange à remuneração, a caderneta de poupança fechou o mês rentabilizando 0,53% (6,59% a.a.) ante 0,51% ao mês (6,27% a.a.) em fev/23 e 0,58% ao mês (7,23% a.a.) em mar/23. Atualmente, o rendimento é definido pela TR mais uma taxa fixa mensal de 0,50%.

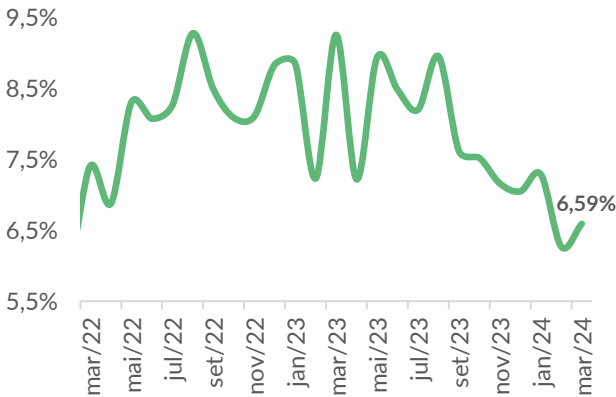
Captação Líquida
(SBPE + Rural – em R\$ bilhões)



Saldo Poupança
(SBPE + Rural – em R\$ bilhões)



Rendimento da Poupança
(1º dia do mês - em % a.a.)



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	8,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,4
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	4,93
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688